

Dostoiévski e a beleza capaz de salvar o mundo



Por **MARIANA LINS COSTA***

A declaração de que a “beleza salvará o mundo” é muito mais exigente e menos afeita ao nosso gosto pós-moderno

*“Senhores—gritou alto para todos—,
o príncipe afirma que a beleza salvará o mundo! [...] Qual é a beleza que vai salvar o mundo? [...]”*

O príncipe o examinou atentamente e não lhe respondeu [1].

Para Dostoiévski, segundo suas próprias palavras, “o belo é um ideal” [2]. Essa declaração deve ser entendida conceitualmente. Como de praxe entre os intelectuais russos da sua época, a estética hegeliana era, para ele, referência central e, em especial, o conceito de ideal que designa a manifestação sensível do absoluto – o que, segundo Hegel, é o mesmo que dizer o belo da arte. Observe-se que este belo da arte ou ideal, tal qual conceituado por Hegel, extrapola os limites do que comumente se entende por arte. Pois a *arte ideal* é, como a religião e a filosofia, uma forma de apreensão do absoluto, ou seja, uma das “*Formas*” em que o absoluto (ou a verdade) é trazido à consciência como seu objeto. Diferentemente das demais *Formas*, porém, na arte, o absoluto é trazido à consciência como intuição e sensibilidade. O ideal da arte ou belo artístico é, assim, *adequação* entre forma exterior e singular e conteúdo interior e universal ou ainda a exteriorização sensível adequada a “uma interioridade em si mesma infinita”. As suas configurações são como um “Argos de mil olhos”, em “que a alma e a espiritualidade internas” são vistas “em todos os pontos” [3]. Não havendo separação entre universalidade e sensibilidade, a verdade é então apresentada imediatamente.

Há limitações no grau de elevação em que esse grande racionalista posiciona a arte. Para nós “modernos”, diz ele, a arte enquanto campo de manifestação da verdade pertence a um estágio já ultrapassado do espírito. E acrescenta: podemos até “ter a esperança de que a arte vá sempre progredir mais e se consumir, mas sua Forma deixou de ser a mais alta necessidade do espírito” [4]. Tais datação e limitação não poderiam ser compartilhadas por Dostoiévski; para quem, independentemente da época, o verdadeiro artista almeja o ideal. Vide, por exemplo, a sua formulação de que “é possível reconhecer a qualidade elevada de uma obra de arte”, no “fato de que nela possamos ver a mais plena harmonia entre a ideia artística e a forma na qual ela se encontra encarnada” [5]. Ou quando ele se refere, tanto em cartas quanto em ensaios, ao conteúdo dos seus romances como *ideia*, o que distingue da *forma*. Ou ainda a sua separação no fazer artístico entre o poeta que concebe a ideia e o artista que lapida a forma [6].

Dostoiévski não só compreendeu a arte como busca pelo ideal; para ele, a ânsia pela verdade jamais poderia ser satisfeita exclusivamente através da “Forma do pensamento puro”. Primeiro, porque a racionalidade é, em todas as suas modalidades, necessariamente meio e jamais fim; segundo, porque a beleza é, para o ser humano, uma necessidade tão primordial quanto comer e beber a ponto de que sem ela simplesmente não aceitaria viver no mundo: “sem o ideal de beleza o homem ficaria angustiado, morreria, ficaria louco, bateria nele mesmo ou se lançaria em fantasias pagãs” [7].

Numa sentença: a exigência do ideal jamais deixou e jamais deixará de ser a mais alta necessidade do espírito. Onde decorre a sua interpretação da miraculosidade de Cristo à luz do ideal e da beleza. Pois na mesma carta em que declara que o “belo é um ideal”, afirma que “somente uma figura no mundo é *positivamente* bela: Cristo, de modo que o fenômeno dessa figura [...] já é em si um milagre infinito”. Segundo o autor de *O idiota*, *todo o Evangelho de João* é a “manifestação do belo” no “milagre da *Encarnação*”. A expressão bíblica a “Palavra se fez carne” é por ele decifrada à luz da noção de

ideal: Cristo é a manifestação da beleza, porque é o universal (Palavra) adequada à forma da singularidade (carne). Daí também a sua anotação: “não a moral de Cristo, não o seu ensinamento irá salvar o mundo, mas precisamente a fé que a Palavra se tornou carne” [8].

Ao se referir à beleza de Cristo, Dostoiévski a qualifica de “positiva”. Essa é a sua principal reformulação ou recriação do conceito hegeliano de ideal – pois, para esse autor, há um ideal de beleza positivo, mas também um negativo. Em *Os irmãos Karamázov*, por exemplo, essa distinção entre duas formas de beleza, aparece sob as insígnias do ideal de Madona e do ideal de Sodoma, e em *Os demônios* do ideal do deus-homem e o do homem-deus. Dito brevemente, enquanto o ideal de beleza positivo consiste na configuração sensível e particular do *universal* enquanto o *verdadeiro*, o negativo seria a configuração sensível e particular adequada à negação da verdade de todo e qualquer universal – o que, nos termos dostoiévskianos, diz diretamente respeito à inexistência de Deus e da imortalidade da alma. Vide, nesse sentido, a fórmula expressa em *Os irmãos Karamázov*:

para cada indivíduo particular, [...] que não acredita em Deus nem na própria imortalidade, a lei moral da natureza deve ser imediatamente convertida no oposto total da lei religiosa anterior, e o egoísmo, chegando até ao crime, não só deve ser permitido ao homem mas até mesmo reconhecido como a saída indispensável e quase a mais nobre para sua situação. [9]

O ideal de beleza negativo está longe de significar a simples aniquilação do ideal de beleza positivo. Se o ideal de beleza positivo tem como conteúdo espiritual o próprio deus que é a própria verdade; sendo o contrário verdadeiro, isto é, que deus e a imortalidade da alma não existem, então aquele que encarnar a inexistência de deus e da imortalidade da alma de modo adequado (o que flerta inevitavelmente com o crime) será ele mesmo belo. Um herói negativo, um ídolo maldito – que embora não traga consigo a boa nova de uma outra vida, traz a promessa de que antes da escuridão eterna e necessária a todos nós, a da morte desprovida da imortalidade, é possível atingir ainda que por um breve instante, por um “triz”, a hora do desejo e da satisfação essenciais, quer seja ou não uma aberração da piedade. Como tão bem indagou Nietzsche, para o nosso completo desconcerto: será que alguma vez vivemos um “instante descomunal” capaz de nos levar a desejar viver a nossa vida mais uma vez e novamente, por toda a eternidade, sem modificar nada? [10]

Esse “instante descomunal” é, sob certa perspectiva, aquele em que a adequação entre interioridade e exterioridade, o ideal, é atingida ainda que num átimo; um átimo que supostamente seria capaz de justificar esteticamente toda uma vida não ideal, pois se trata do instante em que o indivíduo se transforma em ídolo. “E por que se tornar um ídolo?”, pergunta-se o próprio Dostoiévski, ao passo que responde: “Porque a necessidade da beleza é sentida mais fortemente quando o homem está em desacordo com a realidade, em estado de desarmonia, em conflito” [11]. Ou ainda conforme indaga, mais uma vez, Nietzsche: se somos todos os “assassinos” de Deus, “não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele?” [12].

Num mundo desprovido de universalidade divina, atingir por um instante, concreta e sensivelmente o ideal não é pouco – o que explica o fascínio que a beleza negativa dos heróis Nastácia Filíppova de *O idiota* e Stavróguin de *Os demônios* inspiram nos demais personagens e em nós, seus leitores. “[D]iante do senhor, é como se eu estivesse diante do Verdadeiro” – confessa um dos personagens a Stavróguin. “Tudo na senhora é perfeição... até a magreza e a palidez... não se deseja imaginá-la de outra forma...” [14] – declara-se a Nastácia Filíppova, um apaixonado príncipe que ao invés de um elogio superficial à sua beleza física, está com essas palavras reconhecendo a sua condição ideal.

Para o autodeclarado cristão Dostoiévski – que, em carta, confessou que permaneceria para sempre um filho da descrença e dúvida até o túmulo – a corda que se estende entre o animal e o *Übermensch* conduz, no final das contas, ao esfacelamento psicológico e espiritual, quando não também ao social. O herói forjado por si mesmo sob o impacto da notícia da “morte de deus”, não atinge nada muito além do que a sua própria destruição. Nastácia morre louca, assassinada pelo recém-marido, quem ela sabia de antemão que iria assassiná-la. Stavróguin se suicida, acometido por uma espécie de loucura lúcida, depois de incorrer no crime de pedofilia para provar-se livre.

Feliz ou infelizmente, um dos ensinamentos contido nas obras literárias de Dostoiévski não é tanto o de que Deus existe indubitavelmente como uma realidade extra-psíquica, conforme acreditam os leitores mais apressados de *Crime e castigo* que, numa interpretação excessivamente direta da conversão de Raskolnikóv, esquecem que seus personagens tanto mentem, quanto se enganam. O seu ensinamento antes está mais próximo daquilo que o *stárietz* Zózima disse a Ivan: “Se não pode resolver-se no sentido positivo, nunca se resolverá no negativo, o senhor mesmo conhece essa qualidade do seu coração; e nisso está todo o tormento dele.” [15]

Sim, a declaração de que a “beleza salvará o mundo” é muito mais exigente e menos afeita ao nosso gosto pós-moderno do que desejariam o nosso entusiasmo e comoção provocados por ela.

***Mariana Lins Costa** é pesquisadora de pós-doutorado em filosofia na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Publicado originalmente no site da [ANPOF](#).

Notas

- [1] Dostoiévski. *O idiota*. São Paulo: Editora 34, 2001, 427.
- [2] Dostoiévski. *Complete Letters: 1868-1871*. New York: Ardis Publishers, 1990, 121.
- [3] Hegel. *Cursos de Estética I*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 167; 166.
- [4] Idem, 117.
- [5] Dostoiévski. *Occasional writings*. Evanston: Northwestern University Press, 101
- [6] Dostoiévski. *Complete Letters: 1868-1871*, 161.
- [7] Dostoiévski apud Jackson, R. L. *Dostoevsky's quest for form*. London: Yale University Press, 1966, 55.
- [8] Idem, 56.
- [9] Dostoiévski. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, 2008, 110.
- [10] Nietzsche. *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 341.
- [11] Dostoiévski. *Occasional writings*, 124.
- [12] Nietzsche. *A Gaia ciência*, 147-8.
- [13] Dostoiévski. *Os demônios*. São Paulo: Editora 34, 2004, 260.
- [14] Dostoiévski. *O idiota*, 172.
- [15] Dostoiévski. *Os irmãos Karamázov*, 112.